

O Clamor das Águas

The Cry of the Waters

Rubens Ruprecht¹

Resenha de: SCHMITT, Flávio; SILVA, Ruben Marcelino da (Org.). O Clamor das Águas. Santo Ângelo: Editora Ilustração. 2024. 210 p.

AS ÁGUAS DE MAIO
Ao som do vento
Uma correnteza inesperada
Consumiu a cidade naquele momento
A angústia e a aflição
Consumiu o coração.
Das famílias,
O pranto.
A lágrima escorrendo
Enquanto muitas pessoas
Estavam morrendo
As pessoas desamparadas
Deixando suas casas
Se separando de suas famílias
Em seus rostos não havia alegria
Muitas crianças sozinhas
Muitas pessoas rezavam
Para seus parentes encontrar
Esperando poder os abraçar
Pessoas e animais, perdidos e deixados
Em cima dos telhados
Continuavam assustados.

Recebido em 13 de agosto de 2025
Aceito em 24 de setembro de 2025

¹ Doutor em Teologia – Faculdades EST (2022), Mestre em Psicologia e Sociedade - Universidade Estadual Paulista – Campus de Assis-SP (2005); Especialista em Psicologia Clínica - Conselho Regional de Psicologia (CRP 08/05255-Curitiba-PR-2007); Bacharel em Psicologia e Formação de Psicólogo Clínico - Universidade Estadual de Londrina – UEL, PR (1993), Bacharel em Teologia - Faculdades EST – São Leopoldo-RS (1978) - Brasil. Contato: rubensruprecht@gmail.com

Quem poderia os ajudar?
Quem poderia os salvar?
Perguntas que muitos faziam
Enquanto com suas roupas se aqueciam
De repente, algo inesperado
Parecia como se um anjo fosse enviado
De repente barcos,
Que os ajudavam
A força e o sorriso em
seus rostos, foram surgindo
Cada vez mais,
todos foram se unindo.
Finalmente a alegria veio,
Finalmente a cidade
Se reergueu.
Ninguém pode negar
Um milagre aconteceu.²

Gabriela Rafaeli Vaz

Ruben Marcelino Bento da Silva e Flávio Schmitt, organizadores da obra “O Clamor das Águas”, na apresentação, referem que fenômenos climáticos extraordinários são comuns no planeta, mas somente quando eventos extremos causam danos inesperados para os quais não temos conhecimento acumulado, estes nos surpreendem e causam angústia desmedida. É o caso das enchentes cíclicas, uma dinâmica natural dos rios e afluentes que desembocam no lago Guaíba, na região metropolitana de Porto Alegre, RS. À novidade com a cheia de 2024, além do seu volume extraordinário, somaram-se as dificuldades ordinárias com as quais as pessoas atingidas já conviviam, sentindo -se mais seu efeito destruidor em lugares de maior vulnerabilidade social.

A presente obra oferece reflexões em diferentes aspectos sobre a catástrofe climática que se abateu sobre o Estado do Rio Grande do Sul entre os meses de abril e maio de 2024. Um relato sobre o impacto ambiental e emocional na vida de pessoas, grupos e a sociedade em geral. Reflete também os desafios pastorais e teológicos aos profissionais, às igrejas, às organizações da sociedade civil, aos governos e às instituições de ensino.

Em “A Faculdades EST na Enchente” os autores Flávio Schmitt, Simone Kohlrausch e Valério Guilherme Schapper descrevem as ações implementadas por esta Instituição ao longo do ano de 2024,

² SCHMITT, Flávio; SILVA, Ruben Marcelino da (Org.). *O Clamor das Águas*. Santo Ângelo: Editora Ilustração. 2024. p. 204.

por ocasião da grande enchente que marcou vidas e famílias de toda a região metropolitana de Porto Alegre. Reportam que: “Movida inicialmente pela compaixão e pela disposição de somar-se aos esforços de socorrer as inúmeras vítimas, a reflexão coletiva das pessoas organizadas a partir da Faculdades EST, concentrou-se em torno de três ações que se inspiraram nos princípios das obras de misericórdia: socorrer (alimentar, dar de beber), acolher (abrigar e vestir) e apoiar (ouvir, curar as feridas)”³. Os autores referem ainda que: “As tempestades que se sucederam nos últimos dias do mês de abril e na primeira quinzena de maio de 2024 vieram acompanhadas de raios, ventos fortes e muita chuva. Em consequência dos altos índices pluviométricos verificados ao longo dos rios dos vales do Caí, Sinos, Paranhana, Taquari, Jacuí e Gravataí, o município de São Leopoldo e as demais cidades da região metropolitana ficaram submersas pelas águas.”⁴ As medidas solidárias descritas referem-se ao oferecimento de abrigos, refeições, plataforma de ações solidárias na acolhida de pessoas desabrigadas, coleta de roupas, alimentos e recursos financeiros, atuação direta de pessoas nos abrigos, escuta solidária, instrumentalização da infraestrutura da Est, criação de comitê gestor da crise, dos projetos e parcerias, das doações oferecidas, concluindo que: “Diaconia não se improvisa! Para exercer Diaconia é preciso estar preparado, também como instituição. Por mais que ações emergenciais também necessitem de improvisos, a melhor resposta sempre será aquela para a qual a instituição estiver melhor preparada”.⁵ Assim, Diaconia é resposta humana ao amor de Deus, revelado em Cristo Jesus.

Em “Consolo e Esperança no exílio -Uma leitura do Dêutero-Isaías a partir de Milton Schwantes”, os autores Flávio Schmitt e Jonas Luiz de Souza abordam a complexa divisão do livro de Isaías, surgida no século XIX, datado em torno do contexto dos exilados na Babilônia, indicando seu anúncio em três blocos temáticos: “Consolação e Esperança, O Servo Sofredor, Redenção e Restauração”, com ênfase nos miseráveis que são consolados (Isaías 49,13). Para Schwantes, exílio não é só deportação ou fuga para terra estranha, “é também opressão e vida indigna na própria terra, no país em que se nasce”.⁶ Os autores também traçam um paralelo com os exilados da enchente de maio no RS, e a partir do contexto referido por Schwantes “pode-se estabelecer paralelos em relação aos exílios

3 O Clamor das Águas. p. 17.

4 O Clamor das Águas. p. 18.

5 O Clamor das Águas, p. 29.

6 O Clamor das Águas, p. 37.

nossos de cada dia, representados nestes tempos por tragédias climáticas que têm causado forte impacto nas cidades assoladas dos imigrantes alemães no sul do Brasil. O que se viu neste cenário de enchentes e destruição foi a perda de lares, trabalhos e identidade. Viam-se as famílias inteiras vagando sem rumo, sem casas, empurradas de um lado a outro, sem teto, sem empregos, exiladas em sua própria cidade, fora dos direitos básicos da vida”.⁷ (No total: 581.638 pessoas atingidas). A solidariedade do povo brasileiro se fez exponencialmente presente, suprimindo em parte o papel do Estado e do Poder Público surpreendidos com o cataclisma. Restaram sintomas emocionais na população flagelada como não dormir tranquilo, pensando nas enormes perdas que ocorreram, ou preocupadas exageradamente com novas chuvas, ainda que sazonais, tendo medo até de garoa ou chuva que dure mais de dois dias.

Em *Brincar é Cuidar: Teologia e Acolhimento no Enfrentamento da Crise Ambiental*, William Rezende Quintal descreve as iniciativas implantadas pela Comunidade Est na criação da “Frente de Trabalho Voluntário de Acolhimento a Crianças”, chamada de “Brinquedoteca”, criada para oferecer apoio às famílias abrigadas no Campus, proporcionando um ambiente seguro e acolhedor, um alívio para a angústia e trauma que viviam no contexto das enchentes. Baseando-se em autores como Rubem Alves, Leonardo Boff e Paulo Freire, referendado também pelas autoras Carla Jandrey e Roseli Künrich, que “oferecem uma base sólida para compreender como o cuidado, o brincar e o diálogo podem funcionar como mecanismos de cura e acolhimento para crianças em situações de vulnerabilidade”.⁸ Assim, a proposta da brinquedoteca foi baseada em três pilares teóricos: O “Saber Cuidar” de Leonardo Boff, A psicologia do sofrimento de Rubem Alves, e a pedagogia do diálogo de Paulo Freire. Também foi central a concepção da “Missio Dei”, que parte do pressuposto que “a missão é uma iniciativa de Deus para restaurar e transformar o mundo, e que a Igreja é chamada a participar desse movimento divino de compaixão e solidariedade”.⁹ No âmbito prático das experiências pessoais das pessoas envolvidas transpareceu o desafio de lidar e conduzir medos e inseguranças a lugares de aconchego e reconhecimento seguro para crianças diante dos seus próprios desafios de superação de traumas e dificuldades pessoais. A experiência de acolher as crianças tornou-se uma oportunidade para enfrentar as próprias limitações, provocando forças criativas que

⁷ O Clamor das Águas, p. 39.

⁸ O Clamor das Águas, p. 50.

⁹ O Clamor das Águas, p. 54.

impulsionam a solidariedade e a empatia, na qual a Faculdade Est se destacou a cumprir seu papel social e pastoral em momentos de crise.

Em *Espiritualidade em Movimento: Reflexões sobre aconselhamento Pastoral para Deslocados*, Odete Liber de Almeida Adriano reflete sobre as formas de acolher e aconselhar pessoas em deslocamentos por causa de violência, conflitos armados, violações de Direitos Humanos, catástrofes naturais ou de origem humana. Entende que “o lugar físico e concreto (o território) onde a pessoa vive é a base do seu processo cognitivo. As categorias de conhecimento do mundo [...] constroem-se na relação social, simbólica e significativa que o ser humano estabelece entre si e as coisas que o cercam”¹⁰ e quando há deslocamentos, surge perda de sentido de vida, frustração, angústia, medo e incertezas. A autora também comenta uma experiência pessoal de deslocamento ocorrida em 1992 em que “vivenciei a realidade da água subindo e invadindo a casa, levando a calma que existia e dando lugar ao medo, angústia, incertezas”.¹¹ O aconselhamento Pastoral é jeito encarnado de servir, em que a pessoa conselheira “age como companheira de viagem e guia das pessoas que se dispõem a estar com ela. É o caminhar junto e às vezes ajudar o outro a carregar a sua cruz, como pude vivenciar no aconselhamento pastoral em 1992”.¹² Refere ainda a autora que, apesar da grande oferta social de inclusão, a pessoa deslocada continua a ter problemas em seu novo cotidiano: são causas de origem psicológica, ancoradas no trauma da violência que experimentou, mas também situações de marginalidade e precariedade como nas enchentes, em que pessoas perderam os seus bens e pessoas queridas, sendo a principal tarefa ajudar as pessoas a redescobrirem a força da fé e da esperança para seguirem adiante.

Em “Cuando passares por las aguas...pensar y vivir la Fe em Tiempos de Crisis”, Daylins Rufin Pardo reflete sobre a extensão de duas histórias reais acontecidas na América Latina: a) o voo 571 da Força Aérea Uruguaia que bateu na Cordilheira dos Andes em 1972, narrada no filme “A Sociedade da Neve” (2023). b) As Enchentes no Rio Grande do Sul, em maio de 2024, nas quais também foi protagonista, relatando sua própria experiência no contexto das mobilizações solidárias em São Leopoldo, por ocasião das inundações. Nos dois textos reflete sobre “poner al centro la pregunta general sobre cuáles son las adecuaciones teológico-pastorales que una situación límite provoca, colocando como énfasis particular la

¹⁰ O Clamor das Águas, p. 61.

¹¹ O Clamor das Águas, p. 66.

¹² O Clamor das Águas, p. 70.

invitación a analizar de qué forma el terreno de la teología práctica sirve de suelo epistémico fértil para la recreación fecunda de dogmas y ritos en un contexto de crisis determinado”.¹³ Nos dois textos mostra um Deus palpável, que acompanha seus filhos na escuridão fria da neve, assim como na ameaça fatal e destrutiva das águas de maio. Refere também as dicotomias e contradições das pessoas em meio às condições adversas de sobrevivência e que estratégias podem ser utilizadas no enfrentamento de condições tão severas para os atingidos. Um dos desafios teológicos que enfrentamos consiste justamente “en diluir las demarcaciones limitantes y suavizar esa cuerda tensa que tira a los extremos a propósito de la reflexión teológica, como en el caso que tensiona casi antagónicamente teología práctica y teología sistemática. Volver esas tensiones creativas identificando cada vez más cuán interdependientes son, y adaptables deben ser cuando del servicio a Dios, que es Verbo (palabra y acción unidos) se trata”¹⁴. O artigo quer olhar de um outro lugar as intempéries da vida e mostrar algo sobre Deus em lugares do corpo, da memória e nos silêncios.

Em “A Catástrofe Climática no Estado do Rio Grande do Sul: Notas para entender os desdobramentos de um Horizonte Comunitário e Popular que contesta, subverte e transborda a Ambição Mercantil”, Celso Gabatz refere que a crise econômica e a crise ambiental têm como causa o modo de vida que a sociedade vem adotando, em que desastres climáticos e socioambientais encontram-se intimamente relacionados com as definições econômicas do receituário neoliberal. Neste, “a verdade e a justiça tendem a ser abandonados em razão da ilusão criada pela promessa do consumo e da acumulação como sinônimos da realização plena. Isso leva ao enfraquecimento de certos princípios e da própria ética de uma forma mais profunda”.¹⁵ Desse modo ilustra com o conceito sociológico de “sociedade de risco”, na qual “a produção de riquezas é acompanhada pela geração de riscos que transcendem as fronteiras geográficas ou sociais. Em um ambiente de catástrofe climática [...] pode ocorrer uma percepção de que não há autoridade, nem regras claras, nem normas sociais compartilhadas. O resultado é um sentimento de desorientação e desconfiança generalizadas”.¹⁶ O autor elenca a relação entre o Antropoceno e a Globalização, em que “essa nova era geológica implica em um posicionamento ético e um ponto de

¹³ O Clamor das Águas, p. 80.

¹⁴ O Clamor das Águas, p. 97.

¹⁵ O Clamor das Águas, p. 104.

¹⁶ O Clamor das Águas, p. 106.

referência para a ação que permitirá uma evolução com melhor alcance, sem os efeitos danosos engendrados pela atividade humana”¹⁷. Assim, os ideais em torno do Antropoceno, para o autor, giram em torno de três conceitos unificados: empatia, prevenção e esfera ecológica. Estes mal começaram a ser vislumbrados, tendo em vista que ainda cultivamos a ânsia por dominação da natureza e suas consequências para as sociabilidades. “A cultura do consumo pode ser considerada uma das maiores forças humanas de nosso tempo, superando, não raro, religiões, crenças, ideologias, etnias ou partidos políticos, citando Gianetti”¹⁸. Dois aspectos fundamentais seriam praticar o uso sustentável do patrimônio natural e a perspectiva de um futuro limpo, direcionando o progresso tecnológico para uma produção sustentável a longo prazo. Concluindo, se é preciso louvar as manifestações de solidariedade vistas no entorno das recentes enchentes em todo o País, devemos também atentar para as análises feitas que predizem tudo poder se repetir com mais intensidade, à medida que a temperatura atual subir, se não atacarmos as causas dos problemas socioambientais, em que, infelizmente, as populações mais vulneráveis sempre serão mais atingidas.

Em “Desabrigados das Enchentes de Maio: Deslocamentos e Experiência de Sentidos”, Oneide Bobsin mostra alguns desdobramentos arbitrários e, por vezes, contraditórios dos comportamentos humanos em plena crise durante o atendimento de pessoas desabrigadas pelas enchentes de maio (2024). Como voluntário no serviço de alimentação de em torno de 400 pessoas, alojadas nas dependências do Sindicato dos Metalúrgicos de São Leopoldo-RS, coube-lhe observar e acolher naquela casa as mais diferentes origens de pessoas como famílias de pastores, pais e mães de santo, gente do tráfico de drogas, consumidores e lideranças do bairro, e graças à presença ostensiva de policiais civis e da Brigada Militar (femininos em maioria) não houve grandes confrontos relacionados a conflitos daquele bairro. Entretanto, Oneide descreve ações práticas observadas no macro-micro cosmos daquela casa, como, por exemplo, comportamentos na fila de comida e no contexto do dia a dia daquela emergência, histórias cheias de amor e solidariedade, mas também de excessos egóicos e perversos, cuja ambivalência nos remete ao mais recôndito do/da ser humano em suas particularidades. É justamente numa situação de crise que se expressam com mais clareza essas dinâmicas, maquiadas normalmente pelo verniz social das relações sociais, mostrando a

¹⁷ O Clamor das Águas, p. 106.

¹⁸ O Clamor das Águas, p. 111.

dupla essência do comportamento humano, e sua leitura nos sensibiliza ao ponto de nos levar às lágrimas ou suscitar revolta e sentimentos negativos contra seus executores. Da mesma forma faz referência ao contexto de estudos na Est, onde é professor titular de algumas disciplinas, elencando a nova posição das “Epistemologias do Sul” diante da catástrofe molhada e fria que caracterizou as enchentes no RS e suas consequências funestas já relatadas, e nos sensibiliza a observarmos as dinâmicas sociais de outros pontos de vista. Refere que “A etnografia das pessoas desabrigadas pode nos ajudar a superar a cegueira branca nas pesquisas acadêmicas entre as camadas populares. Os abrigados e as abrigadas do Sindicato estavam tão perto da academia e, ao mesmo tempo, tão longe. [...] Desabrigados e desabrigadas! Perdão por sermos ainda muito extrativistas como pesquisadoras e pesquisadores e, segundo uma história oriental, querer ser grande e profundo sem visitar os lugares baixos da terra”.¹⁹

Em “Tragédia Anunciada”, Flavio Schmitt reporta a história e a geografia das enchentes de maio, mostrando os aspectos estruturais que levaram a esta tragédia de proporções nunca vistas. Para o autor, a natureza sempre segue seu curso e os seres humanos aprendem a lidar com as adversidades naturais através de barragens e drenagens, sistemas de proteção contra cheias, construção de diques, túneis e bombeamento de águas excedentes, e populações inteiras são treinadas para agir e reagir de forma preventiva diante de catástrofes naturais. Não obstante, vez ou outra, essas tecnologias não conseguem evitar fenômenos assim acima dos seus limites de ação planejada, levando a catástrofes como as enchentes de maio de 2024. O autor descreve a estruturação colonizadora das bacias hidrográficas envolvidas, cujas águas desembocam no lago Guaíba. Descreve pontos de convergência entre o processo de povoamento, suas práticas agrícolas e sua contribuição na proporção alcançada na enchente entre os dias 20 de abril e 15 de maio de 2024 no Rio Grande do Sul. Em suas considerações finais conclui: “A verdadeira tragédia não foi a enchente. A enchente apenas revelou a tragédia ambiental que toma conta do território riograndense.

Em “Escuta Solidária”, Nilton Eliseu Herbes refere como o medo, a angústia, a insegurança, a solidão, a preocupação, a raiva e a indignação foram sentimentos que acompanharam durante a enchente aqueles e aquelas que passaram por ela, e ouvi-los em suas narrativas foi uma forma de auxiliar os mesmos na elaboração de suas crises, proporcionado pelo projeto “Escuta Solidária”, projeto já existente na EST. As pessoas interessadas poderiam enviar uma

¹⁹ O Clamor das Águas, p. 144.

mensagem aos profissionais cadastrados (25) por meio do WhatsApp, para agendar horários de atendimento. Este trabalho era voluntário e não caracterizava terapia como técnica, mas a escuta era realizada pelo WhatsApp e poderia ser agendado quatro vezes. Casos e situações mais graves eram encaminhados pelo Centro Diretivo do projeto aos respectivos profissionais. O autor também analisa o cuidado em tempos de crise do ponto de vista teológico, em que significa acompanhar, ou cuidar pastoralmente, dar atenção, sensibilizar-se e colocar-se à disposição de quem precisa. “acompanhar é um processo de ir junto, estar ao lado de alguém e fazer companhia a quem precisa. Portanto, o papel da Escuta Solidária é estar à disposição das pessoas em seus momentos de crise, mesmo quando não há respostas imediatas ou caminhos claros a seguir; ser compassivo com as pessoas que sofrem e não conseguem ver ou acreditar em um futuro próximo; de ser acolhimento para quem já não tem quase nada.

Em “Urgência Climática” – Quenani Leal relata que esse tema já lhe era conhecido desde a infância na escola, e sempre lhe pareceu muito distante para se concretizar, conforme escreve:” No entanto, jamais imaginaria que as águas poderiam vir tão rapidamente e de forma tão caudalosa e desastrosa”²⁰, conforme narra em seu artigo. Era refém das águas que impediram a mobilidade de sua família, mas também emergências com sua saúde e na família, que lhe impregnaram uma nova visão e percepção de vida, conforme relata.²¹ É um testemunho vivo que leva o leitor, a leitora, às lágrimas, não podendo imaginar como o ser humano é capaz de responder a tragédias dessa natureza.

Epílogo

Inspirado pela temática desta resenha, quero arriscar algumas palavras grosseiras para descrever o que todos sentimos ao acompanhar o desenrolar trágico das enchentes no Rio Grande do Sul. Certamente todos nos enterneceamos com os comportamentos solidários e acolhedores de todas e todos que se envolveram diretamente ou indiretamente nos acontecimentos quase rotineiros das demandas e necessidades dos e das que foram atingidos e perdidos em suas seguranças e empreendimentos considerados seguros até então. As reações de todo o Brasil nos mostraram novamente a capacidade humana de reagir e compartilhar sentimentos, emoções e ações necessárias para as vidas dos que pereceram de uma

²⁰ O Clamor das Águas. p. 185.

²¹ O Clamor das Águas, p. 200.

ou outra forma na tragédia fria e molhada das Águas de Maio. Não obstante, também pudemos verificar e estarrecer diante de acontecimentos que julgaríamos não possíveis numa situação tão trágica. Alguns desses acontecimentos já foram descritos no transcorrer dos resumos, outros o leitor encontrará no texto completo do E-book da Est “O Clamor das Águas”, e ainda outros não podem ser descritos num texto público como este, mas são contados e rememorados particularmente em pequenos ambientes seguros como forma de expressar o repúdio, a rejeição e a insatisfação com tão ignóbeis comportamentos primitivos e predatórios. Outros foram relatados pelas mídias que acompanharam diariamente o desenrolar das ações empreendidas, seja por pessoas sensatas e sensíveis, seja por pessoas perversas, más, indulgentes, repugnantes etc. que se aproveitavam e apropriavam de recursos alheios ou até furtavam casas e lojas cobertas parcialmente pelas águas. Também pessoas que moravam em prédios isolados comumente relatavam que não poderiam mais sair dos seus locais de abrigo ainda possível a partir de uma certa hora da tarde, pois estavam vigiados pelos seus “irmãos de tragédia”, o que sugeria interpelações furtivas no caminho. Muitas histórias desta natureza somente são comentadas em pequenos grupos, que, agradecidos as esquecem rapidamente. Pois bem, o que podemos refletir a esse respeito? É possível compreender a natureza desses comportamentos tão insensíveis? Na Biologia costumamos dizer que o sobrevivente natural sempre está no topo da cadeia alimentar do seu contexto ambiental e por isso ele é o principal predador a ser temido pelos demais. Seria possível encontrar entre os humanos igualmente comportamentos dessa natureza, mesmo em meio a tragédias como as enchentes de maio de 2024 no RS? O que está em jogo sempre de novo em que catástrofes dessa natureza ou mesmo as provocadas pela ação humana através de incêndios, acidentes, desertificações e devastações das mais diversas naturezas infligem dor e destruição aos humanos e à própria natureza? Não deveríamos nos deter mais atentamente aos fatores que causam essas tragédias, desde as micro-macro responsabilidades ali pertinentes? Presumo que não sejam suficientes os atendimentos pós-trágicos na natureza cíclica dos eventos que já se tornaram sem retorno, e que deslocamentos e migrações internas para outras regiões sejam necessárias num futuro próximo-distante. Isso abrange tanto a produção de conhecimentos a respeito, sobretudo a pertinência da questão climática mundial, os desastres naturais ecológicos e também os provocados pela ação humana em nome do poder, da ganância, da ignorância adquirida em nome de ideologias ou teologias perversas que não mais fazem jus ao seu nome e sentido. E se estamos

novamente (2025) diante da repetição de fatores climáticos que podem levar a resultados semelhantes ao da enchente de 2024, que façamos eco então à expressão poética de Roberto E. Zwetsch em “Esperança contra toda Esperança”, que assim se expressa:

Como então semear Esperança
Diante do CAOS que conhecemos, cujo Rosto
vimos
Com olhos, coração, alma, mente e espírito?
Eis o desafio humano, demasiado humano
Que nos está posto.
E o Espírito das Águas ouviu mais uma vez
Mas afirmou:
É hora de mudar! Radicalmente, sem meias
verdades
Mudar de atitudes, de estilo de vida, de projeto
De Nação, de Mundo²²

²² O Clamor das Águas. p. 206.